

ANTONIO GARRIDO

# A ESCRIBA

Tradução de Magda Bigotte de Figueiredo

# 1

Em Würzburgo, na manhã do dia de Todos-os-Santos, o sol não despontou. Na penumbra, os primeiros jornaleiros abandonaram as casas e partiram para os campos, apontando para o céu sujo e inchado como o ventre de uma enorme vaca. Os cães farejaram o temporal e uivaram, mas homens, mulheres e crianças continuaram o seu incansável desfile como um exército sem alma. Pouco depois, uma voragem de nuvens cegou o firmamento e, daí a pouco, vomitou tal torrente de água que até os camponeses mais habituados tremeram augurando a vinda do fim do mundo.

Theresa ainda dormitava quando a mãe a acordou. A jovem escutou, aturdida, o ruído do granizo que ameaçava derrubar o telhado de colmo e compreendeu imediatamente que tinha de se apressar. Num abrir e fechar de olhos, mãe e filha pegaram no pão e no queijo que estavam em cima da mesa, juntaram umas roupas numa trouxa improvisada e, depois de fecharem portas e janelas, uniram-se à turba de desesperados que corria a proteger-se na parte alta da cidade.

Quando subiam pela rua dos arcos, Theresa apercebeu-se de que se esquecera das placas de cera.

– Continue, mãe. Eu já volto.

Apesar dos gritos de Rutgarda, Theresa perdeu-se por entre a multidão de camponeses que, encharcados como ratazanas,

fugiam na direcção contrária. Muitas ruelas tinham-se transformado em riachos onde flutuavam cestos esburacados, restos de lenha, galinhas mortas e roupa rasgada. Desviou-se da passagem dos cortidores saltando por cima de um carro atravessado entre duas casas destruídas e desceu pela rua velha até chegar às traseiras da sua, onde surpreendeu um rapazito a tentar arrombá-la. Aproximando-se, deu-lhe um encontrão, mas o rapaz, em vez de fugir, correu para outra casa e desapareceu por uma janela. Soltando uma maldição, Theresa entrou em casa e de um baú retirou os instrumentos de escrita, as placas de cera e uma Bíblia cor da esmeralda. Persignou-se, protegeu tudo debaixo da capa e regressou o mais rápido que a água lhe permitiu ao lugar onde a madrastra a esperava.

A caminho da catedral, várias ruelas iam desaparecendo sob a lama e alguns telhados voavam como se fossem folhas. Pouco depois, uma violenta enxurrada engolia o labirinto de casebres que enchia os arrabaldes, deixando atrás de si um mar de desolação.

As orações dos habitantes do lugar não impediram que, nos dias seguintes, a chuva e a ventania inundassem os campos até os transformarem num pântano. Depois chegaram as neves; o rio Meno gelou immobilizando os barcos dos pescadores, as borrascas fecharam as passagens que ligavam Würzburgo às planícies de Francoforte, e o abastecimento de víveres e de mercadorias ficou completamente interrompido. O frio dizimou as colheitas e fez estragos nos rebanhos. A pouco e pouco, as provisões foram-se esgotando e a fome alastrou como uma enorme mancha de azeite. Alguns aldeãos venderam as terras ao desbarato, e aqueles que nada possuíam tiveram de vender as próprias famílias. Dos insensatos que abandonaram a protecção das muralhas para fugir para os bosques, nunca mais se soube nada. Alguns, levados pelo desespero, encomendaram-se a Deus e atiraram-se ao precipício.

De um dia para o outro, deambular pelas ruelas de Würzburgo tornou-se um pesadelo terrível. Os lodaçais provocavam quedas contínuas e os desmoronamentos obrigavam a que se caminhasse longe dos edifícios. As pessoas encerraram-se nas suas casas à

espera de um milagre, mas as crianças, desobedecendo às advertências dos mais velhos, continuavam a juntar-se nas esterqueiras fora das muralhas em busca de alguma ratazana com que improvisar um churrasco. Quando o conseguiam, festejavam a façanha com canções e gritos de alegria, e desfilavam pela rua principal arvorando com orgulho as peças capturadas.

Passadas duas semanas, os primeiros cadáveres começaram a salpicar as ruas da cidade. Os defuntos mais afortunados receberam sepultura no pequeno cemitério adjacente à igreja de madeira de Santa Adela, mas depressa escassearam os voluntários e os mortos espalharam-se pelas calçadas como se de uma praga se tratasse. Alguns cadáveres inchavam como sapos, mas, regra geral, os ratos devoravam-nos antes que tal acontecesse. Muitas crianças adoeceram de fraqueza, enquanto as mães desesperavam procurando inutilmente algo mais do que um pouco de água para lhes pôr na mesa. No final do mês, o cheiro a mortos impregnava a cidade, com os sinos da catedral entoando o seu lúgubre badalar.

Para sorte de Theresa, a catedral do condado gerava uma exígua mas estável procura de trabalhadores, e os leigos que prestavam serviços nas oficinas diocesanas recebiam como retribuição um moio de trigo por semana. As mulheres, as poucas que serviam, ou agradavam aos homens ou agradavam nas cozinhas. Talvez por esse motivo, trabalhar na oficina dos *percamenarii* suscitava em Theresa sentimentos desencontrados. Por um lado, incomodava-a ter de suportar os olhares impudicos dos correeiros, os comentários sobre o tamanho dos seus seios e inclusivamente algum toque mais ou menos dissimulado, mas essas contrariedades viam-se recompensadas quando, finalmente, ficava a sós com os pergaminhos. Empilhava então as páginas chegadas do *scriptorium* e, em lugar de coser os caderninhos, aproveitava para desfrutar de uns momentos de leitura. Polípticos, saltérios, textos patrísticos e até códices pagãos supriam com os seus relatos os rigores do trabalho e induziam-na a pensar que talvez servisse para algo mais do que fazer pastéis e esfregar panelas.

O pai, Gorgias, trabalhava como amanuense no *scriptorium* episcopal, perto da oficina onde ela era aprendiz. Theresa acedera ao lugar graças ao infortúnio de Ferruccio, o aprendiz anterior que, num descuido, cortara os tendões de uma mão, arruinando o seu futuro. Fora então que o pai a propusera para o substituir. Porém, desde o primeiro momento deparara com a oposição de Korne, o mestre de *percamenarius*, que justificara a sua atitude com o mutável carácter feminino, a natural disposição da mulher para as disputas e mexericos, a sua incapacidade para lidar com fardos pesados e a frequência das menstruações. Tudo isso, no seu entender, era inconciliável com um trabalho que requeria sabedoria e destreza em iguais proporções. Todavia, Theresa era capaz de ler e escrever perfeitamente, uma habilidade de inegável valor num lugar onde abundavam músculos e escasseava talento. Graças a isso, e à mediação do pai, o lugar fora-lhe atribuído.

Quando Rutgarda tomou conhecimento, não tardou em bradar aos céus. Se Theresa fosse uma rapariga deficiente ou doente, talvez tivesse entendido aquela decisão, mas era uma jovem graciosa, talvez um pouco magra para o gosto dos moços francos, mas de ancas largas e seios generosos; isso sem mencionar a dentição, completa e brilhante como a de poucas. Qualquer outra no seu lugar teria procurado um bom marido que a emprenhasse e a sustentasse; mas não: Theresa tinha de deitar a perder a sua juventude fechada numa velha oficina de padres, trabalhando em inúteis afazeres de padres, e suportando os falatórios das mulheres dos padres. E o pior: Rutgarda estava convencida de que o culpado daquela situação não era outro senão o próprio pai da rapariga. Por fim, Theresa havia sucumbido às absurdas ideias de Gorgias, sempre com a cabeça no passado, com saudades da sua Bizâncio natal, falando dos benefícios do saber e da grandeza dos autores antigos, como se aqueles sábios lhe fossem dar um prato de lentilhas. Os anos haviam de passar e, de repente, um dia, a enteada encontrar-se-ia com as carnes flácidas e as gengivas descarnadas, e então lamentaria não ter encontrado um homem que a alimentasse e protegesse.

---

Na última sexta-feira de Novembro, Theresa acordou mais cedo do que o habitual. Costumava madrugar para limpar o galinheiro e tratar das galinhas, mas há muito que não havia comida para repartir nem galinhas para alimentar. Mesmo assim, considerou-se afortunada. A tempestade que arrasara o bairro respeitara as paredes da sua casa e nem o pai nem a madrastra tinham sofrido qualquer dano.

Esperando o amanhecer, enrolou-se nas mantas e reviu mentalmente o exame a que iria submeter-se daí a umas horas. Na semana anterior, Korne, o mestre dos *percamenarii*, opusera-se à realização da prova de ingresso que ela solicitara. Quando o homem soube, ficou possesso, objectando que jamais mulher alguma tinha desempenhado o cargo de oficial de *percamenarius*, e mais zangado ficou quando ela o recordou de que haviam decorrido os dois anos estipulados que, conforme as normas do grémio, habilitavam qualquer um a pedir o seu ingresso no ofício.

– Qualquer aprendiz que consiga levantar um fardo pesado – respondeu Korne com ar enojado.

Porém, à última hora de quinta-feira, Korne aparecera na oficina com ar displicente para lhe comunicar que acedia ao pedido, advertindo-a, além disso, de que o exame teria carácter imediato.

A decisão dissipara os receios de Theresa, mas, apesar da alegria que sentia, não deixava de se interrogar sobre os motivos que haviam levado Korne a uma mudança tão repentina. No entanto, sentia-se capaz de superar a prova; sabia distinguir um pergaminho feito com pele de ovelha de um elaborado com pele de cabra, era capaz de preparar e esticar as peles húmidas melhor do que o próprio Korne, e conseguia eliminar marcas de flechas e de mordeduras até deixar os couros tão brancos e limpos como o rabo de um recém-nascido. E isso era a única coisa que interessava.

Não obstante, quando chegou o momento de se levantar, não conseguiu evitar que um arrepio lhe percorresse a espinha.